

ALFABETIZAÇÃO, LETRAMENTO E A IMPORTÂNCIA DE AMBOS

POLIANE RAFAEL DA MOTA FREITAS

Licenciada em Pedagogia, pela Faculdade Anhanguera de Osasco, no ano de 2012.
Pós-Graduada em Psicopedagogia Institucional, pela Faculdade de Itaqué em 2016.



RESUMO

Esse artigo vem buscar reflexões a respeito do letramento e da alfabetização, bem como a importância de ambos. Embora a leitura e a escrita sejam necessárias, elas não são suficientes para contribuir para o progresso da sociedade como um todo. Em vez disso, devemos ir além da leitura e da escrita e em direção ao pensamento crítico. A proficiência em alfabetização autoriza os indivíduos a contribuir e participar do discurso que molda sua comunidade e o mundo. Assim, quebrar o ciclo do analfabetismo e melhorar a autoestima é crucial para buscar oportunidades, tomar decisões informadas e ter voz nos processos legislativos; liberdades que muitas vezes tomamos como garantidas. Faz-se necessário novas práticas de ensino nas escolas, nas quais os alunos não apenas se apropriem do código, realizando leituras e escritas mecânicas, mas um ensino significativo, que permita ao aluno entender e se apropriar da complexidade do mundo da escrita.

PALAVRAS-CHAVE: Alfabetização; Letramento; Leituras; Escritas.

INTRODUÇÃO

A alfabetização é uma habilidade fundamental que libera a aprendizagem e fornece aos indivíduos os meios para buscar conhecimento e prazer de forma independente. As habilidades de alfabetização precisam crescer e amadurecer ao longo da vida de cada pessoa, fornecendo a cada indivíduo as habilidades de leitura, escrita e pensamento necessárias para o sucesso em situações acadêmicas, de força de trabalho e pessoais. Infelizmente para muitas pessoas, as habilidades de alfabetização nunca se desenvolvem das formas necessárias. As habilidades de alfabetização insuficientes excluem muitas crianças, adolescentes e adultos de perseguirem seus objetivos acadêmicos, de carreira e de vida.

De acordo com Barbosa:

Saber ler e escrever possibilita o sujeito do seu próprio conhecimento, pois sabendo ler, ele se torna capaz de atuar sobre o acervo de conhecimento acumulado pela humanidade através da escrita e, desse modo, produzir, ele também, um conhecimento (Barbosa, 2013, p.19)

Muitos percebem que a sala de aula da primeira infância é um substituto fraco para o mundo dos jogos, salas de bate-papo, mundos virtuais e outras mídias eletrônicas. As energias sociais e sociológicas persistem a surgir dos tipos contemporâneos de mídia, diversas culturas e idiomas, preocupações com segurança, instabilidades na ecologia global, economias não confiáveis e conflitos.

A alfabetização e o letramento devem sempre caminhar juntos, para que o processo ensino aprendizagem seja significativo, como afirma Soares:

[...] implica habilidades várias, tais como: capacidade de ler ou escrever para atingir diferentes objetivos para informar ou informar-se, para interagir com os outros, para imergir no imaginário, no estético, para ampliar conhecimentos, para seduzir ou induzir, para divertir-se, para orientar-se, para apoio à memória, para catarse...: habilidades de interpretar e produzir diferentes tipos e gêneros de textos, habilidades de orientar-se pelos protocolos de leitura que marcam o texto ou de lançar mão desses protocolos, ao escrever: atitudes de inserção efetiva no mundo da escrita, tendo interesse e informações e conhecimentos, escrevendo ou lendo de forma diferenciada, segundo as circunstâncias, os objetivos, o interlocutor [...]. (SOARES, 2001, p. 92)

Habilidades efetivas de alfabetização abrem as portas para mais oportunidades educacionais e de emprego, para que as pessoas possam sair da pobreza e do subemprego crônico. Em nosso mundo tecnológico cada vez mais complexo e em rápida mudança, é essencial que os indivíduos expandam continuamente seus conhecimentos e aprendam novas habilidades para acompanhar o ritmo da mudança.

A ALFABETIZAÇÃO E SEUS CAMINHOS HISTÓRICOS

Difícilmente pensamos sobre o papel da escrita em nossa vida, pois ela já está enraizada em nosso cotidiano, e não nos damos conta de sua importância e no quanto ela facilitou nossas vidas.

A importância do surgimento da escrita para a história das civilizações é tão grande que é considerada como um marco fundamental do desenvolvimento. Por causa disso costuma-se chamar de Pré-História o período anterior à escrita (BRITO, 2012, p. 20).

A partir do desenvolvimento de uma nova sociedade, que deixava de ser nômade e passava a ser mais complexa, pois estava se estabelecendo em um determinado local, desenvolvendo métodos de agricultura, comércio e negociações, houve a necessidade de criar um meio de organização, no qual foi possível registrar e retomar aquele registro quando necessário. a partir dessa necessidade que surgiu a escrita.

O desenvolvimento dos métodos de agricultura e do comércio, e as distâncias entre as cidades entre as quais se estabeleciam relações de trocas, são tidos como os responsáveis pelos primeiros registros escritos, ante a necessidade de controle administrativo, de registros contábeis e de se saber com exatidão onde se situavam os distantes pontos de abastecimento e quais as rotas a seguir para os alcançar (GOMES, 2007, p. 05).

Logo no começo dessa nova sociedade, não se fazia necessário que as pessoas mais comuns dominassem a escrita, pois seus afazeres não se lhe exigiam. Porém, conforme os séculos foram avançando, a sociedade evoluiu, adquirindo novos conhecimentos, avanços nas ciências e

meios de comunicação.(TRINDADE, 2006). No Brasil, a educação ganhou destaque no final do século XIX, especialmente com a proclamação da República. As escolas assumiram um importante papel de instrumento de modernização, tornando-se o lugar para preparar as novas gerações para atender aos ideais do Estado republicanos, e assim instaurar a nova ordem política e social (MORTATTI, 2006).

Houve diversos métodos de alfabetização, pois ao longo dos anos a escola tem fracassado em seu papel de alfabetizadora, e para cada fracasso o método de ensino utilizado nessa época é considerado tradicional e substituído por outro método considerado inovador.

Mortatti (2006, p. 4-12), dividiu os métodos de ensino inicial da leitura e escrita, desde as décadas finais do século XIX, em quatro momentos:

A metodologia do ensino da leitura – O primeiro momento durou da segunda metade do século XIX a 1890. Para o ensino da leitura utilizavam nessa época o método sintético, que é da parte para o todo, ou seja, letras, sílabas, palavras, frases e textos. Esse método parte da ideia de ir aumentando o grau de dificuldade. A escrita era restringida a caligrafia e ortografia, e seu ensino era por meio e de cópia, ditados e produção de frases isoladas. A institucionalização do método analítico – O segundo momento durou de 1896 a 1920. O ensino da leitura deveria ser do todo, para depois ir para as partes constitutivas.

Alfabetização sob medida – O terceiro momento durou de 1920 até o final da década de 1970. Foi a conciliação do método sintético com o analítico, chamado de métodos mistos ou ecléticos.

Alfabetização: construtivismo e desmetodização – De 1980 a dias atuais. O construtivismo se apresenta não como um método novo, mas como uma revolução conceitual, que questiona a necessidade das cartilhas, as teorias e práticas tradicionais e desmetodizar o processo de alfabetização.

Percebe-se que cada novo método de alfabetização surgiu como inovador e com a função de tentar “salvar” a educação do fracasso.

EDUCAÇÃO CONSTRUTIVISTA

O construtivismo é uma teoria da aprendizagem encontrada na psicologia que explica como as pessoas podem adquirir conhecimento e aprender. Portanto, tem aplicação direta na educação.

De acordo com Ferreiro e Teberosky (1985, p.30):

Na teoria de Piaget, o conhecimento objetivo aparece como uma aquisição, e não como um dado inicial. O caminho em direção a este conhecimento objetivo não é linear: não nos aproximamos dele passo a passo, juntando peças de conhecimento umas sobre as outras, mas sim através de grandes reestruturações globais, algumas das quais são “errôneas” (no que se refere ao ponto final), porém “construtivas” (na medida em que permitem aceder a ele). Esta noção de erros construtivos é essencial.

A teoria sugere que os humanos constroem conhecimento e significado a partir de suas experiências. O construtivismo não é uma pedagogia específica. Educação Construtivista, termo que surgiu com Jean Piaget (1896 – 1980) epistemólogo suíço, estudiosa da gênese do conhecimento,

ocupando-se disso pelo resto da vida.

A teoria piagetiana da aprendizagem construtivista teve amplo impacto nas teorias da aprendizagem e nos métodos de ensino na educação e é um tema subjacente a muitos movimentos de reforma educacional.

Piaget (1982) demonstra em suas pesquisas que as crianças interpretam suas experiências nos mundos sociais e físicos, e assim, constroem seu próprio conhecimento, sua inteligência e seu código moral, ou seja, o conhecimento se dá na interação sujeito – meio, base do Construtivismo.

Para Piaget a criança é um ser ativo que desenvolve suas próprias teorias e hipóteses levantadas de acordo com a interação com o meio. Afinal, para ele, o meio influencia o cérebro e transmite-lhe informação, ao mesmo tempo, a mente humana dispõe de estruturas básicas para transformar essas informações em conhecimento.

Esta teoria vem de encontro com a proposta tradicional de ensino, segundo o próprio Piaget (1982, p. 53):

Se considera que o objetivo da educação intelectual é o de formar a inteligência mais do que mobiliar a memória, e de formar pesquisadores e não apenas eruditos, nesse caso pode-se constatar a existência de uma carência manifestada no ensino tradicional.

De Vries e Zan (2004, p. 43) em “O Currículo Construtivista na Educação Infantil – práticas e atividades” propõem sete princípios gerais de ensino para uma educação construtivista de qualidade: “Criar uma atmosfera sociomoral cooperativa – consiste na criação de um ambiente de respeito mútuo nas relações interpessoais numa sala de aula”.

Atrair o interesse das crianças – para isso ocorrer deve-se observar o que as crianças fazem espontaneamente, propor atividades instigantes, deixar que as crianças colaborem com as ideias a respeito do que querem aprender e deixar que elas façam escolhas.

Ensinar de acordo com o tipo de conhecimento envolvido – físico, social e lógico matemático – os três tipos de conhecimento proposto por Piaget são: conhecimento físico, conhecimento lógico matemático e conhecimento social. Estes devem ser ensinados de maneiras diferentes para serem alcançados em sua totalidade.

Escolher um conteúdo que instigue a criança – o professor deve criar uma cultura de questionamento com a criança.

Incentivar o raciocínio da criança – o professor deve utilizar-se de questões e intervenções que desenvolvam o raciocínio da criança.

Oferecer tempo adequado – para a criança poder investigar e se envolver profundamente.

Fazer conexões entre os registros e a avaliação – para que o processo seja coerente em sua totalidade.

Na sala de aula, a visão construtivista da aprendizagem pode apontar para várias práticas de ensino diferentes. No sentido mais geral, geralmente significa incentivar os alunos a usar técnicas ativas (experimentos, resolução de problemas do mundo real) para criar mais conhecimento e depois refletir e conversar sobre o que estão fazendo e como sua compreensão está mudando. O professor garante que ela entenda as concepções preexistentes dos alunos e orienta a atividade para abordá-los e depois desenvolvê-los.

Os professores construtivistas incentivam os alunos a avaliar constantemente como a atividade os ajuda a obter entendimento. Ao questionar a si mesmos e suas estratégias, os alunos na sala de aula construtivista se tornam idealmente "aprendizes especializados". Isso lhes oferece fer-

ramentas cada vez maiores para continuar aprendendo.

O construtivismo também é muitas vezes mal interpretado como uma teoria de aprendizado que obriga os alunos a "reinventar a roda". De fato, o construtivismo explora e desperta a curiosidade inata do aluno sobre o mundo e como as coisas funcionam. Os alunos não reinventam a roda, mas tentam entender como ela gira, como ela funciona. Eles se envolvem aplicando seus conhecimentos e experiências do mundo real, aprendendo a criar hipóteses, testando suas teorias e, finalmente, tirando conclusões de suas descobertas.

Em suma, aliar pensamento e ação garante a construção do conhecimento.

A PEDAGOGIA DO BOM SENSO – FREINET

Célestin Freinet (1896 – 1966) o qual desenvolveu a Pedagogia Natural recebe o título de primeiro educador a se sustentar em uma psicologia voltada ao movimento e a ação, fundamentada em uma vivência histórico – social e o pensar interdisciplinar da criança, considerando o erro como início de uma nova aprendizagem.

De acordo com sua proposta, a criança deve entender o mundo em sua complexidade através do rigor do pensamento baseado em pesquisas reflexivas.

Com experiência nas pedagogias de autonomia de Bakunine e Ferrer, partidário e apoiante da New School, Freinet desenvolveu seu método com base na ideia da Escola Democrática, onde além das técnicas pedagógicas, também o ambiente escolar e social onde a escola se insere, não deve ser ignorada pelo educador. Sua proposta parte do objetivo da ação educativa, formar seres humanos. Portanto, os educados devem estar envolvidos na vida de sua comunidade, participando de associações e movimentos sociais, através dos quais é possível contribuir para a formação dos estudantes. Em sua filosofia, o trabalho do educador deve ser orientado para o desenvolvimento de ações cooperativas e de apoio, utilizando recursos mínimos (a reciclagem de materiais deriva de várias experiências pedagógicas em áreas pobres).

[...] devemos definir nós, o verdadeiro objetivo educacional: a criança desenvolverá ao máximo sua personalidade no seio de uma comunidade racional a que ela serve e que lhe serve. A criança cumprirá seu destino, elevando-se à dignidade e ao potencial do homem, que se prepara, assim, para trabalhar de maneira eficaz, quando se tornar adulto, longe das mentiras interessadas, pela realização de uma sociedade harmoniosa e equilibrada. (FREINET, 1996, p.09).

Sua experiência na primeira guerra mundial faz dele um pacifista convencido. Também como resultado dos ferimentos sofridos, ele desenvolveu o processo de impressão de materiais criados em sala de aula, papéis de parede e jornais escolares, onde os alunos pesquisavam e discutiam seus resultados.

Freinet rompeu com as cartilhas e antigos métodos, educação que vivenciara em sua formação, devido a problemas de saúde e a necessidade que tinha de uma revolução para destruir a educação de todo e qualquer doutrinação, este ideal fica claro em sua Invariante nº 27: "A democracia de amanhã prepara-se na escola. Um regime autoritário na escola não seria capaz de formar

cidadãos democratas”.

Sua proposta pedagógica visa proporcionar ao aluno um trabalho que esteja relacionado à sua experiência. Parte da identificação dos interesses da criança, analisando o processo de construção de seu conhecimento. A observação é uma ferramenta de trabalho do professor. Observar o trabalho em sala de aula é o processo que leva o educador a gerenciar seu tempo e intervenção, com base na motivação da vontade do aluno de aprender.

E propôs uma pedagogia experimental, diversificando técnicas e atividades, onde, a própria criança palpava, discutia e criticava os instrumentos de aprendizagem que lhe eram propostos.

Em sua metodologia natural, recorria sempre a natureza (água, terra, planta, etc) para despertar, incentivar e motivar as crianças para que percebessem que a todo momento e lugar se tira um ensinamento, pois acreditava que se a criança não aprende é porque o ensino de alguma forma não lhe interessa.

O papel do professor, para Freinet era de grande incentivador, sensível as diferentes personalidades, podendo, assim, ajudar as crianças de diferentes formas para que cada uma construísse seus próprios alicerces para novas aprendizagens.

A PEDAGOGIA WALDORF

Rudolf Steiner (1861 – 1925) estudioso em filosofia e literatura dedicou-se a cuidar de crianças excepcionais e através de seu método pedagógico conseguiu que alguns deles concluíssem a Universidade. Em 1919 foi convidado para criar uma escola para filhos de funcionários de uma fábrica, assim, Steiner (IN: Lanz,1986) fundou a primeira escola Waldorf baseada na filosofia Antroposófica.

A Antroposofia é uma filosofia que enfoca o ser humano de forma ampla, considerando que este possui um corpo físico, constituído por substâncias físicas; um corpo etérico, constituído por “substâncias” do plano sensorial, não perceptível aos nossos sentidos físicos; um corpo astral e o eu. Estes elementos constituintes do ser humano estão sempre em processo de evolução.

Esta ideia de homem desvincula-se a ideia de homem caracterizada pela ciência exata, logo, propõe uma Educação e desenvolvimento diferenciado da Educação Tradicional, a qual Steiner não acreditava, segundo Rudolf Lanz (1986:66) um de seus seguidores: “Na própria era da tecnocracia, o ensino criado por esse sistema não é capaz de satisfazer nem as exigências do próprio sistema”.

Esta filosofia defende que o desenvolvimento da criança não se dá de forma linear, mas em ciclos de aproximadamente sete anos que são chamados de setênios.

O 1º setênio, que vai do zero aos sete anos, é caracterizado pelo processo de amadurecimento do corpo etérico, que ao término deste ciclo se torna autônomo e a memória e o raciocínio estão disponíveis para novas funções. Neste ciclo, a criança aprende por imitação, de maneira extremamente eficiente, mas pouco consciente.

O 2º setênio, que vai dos sete aos quatorze anos, é caracterizado pelo amadurecimento do corpo astral, onde a personalidade da criança desabrocha como centro de sentidos e emoções, a memória se desenvolve e permite uma maior quantidade de assimilações. Ao término deste ciclo o corpo astral torna-se autônomo. A imitação caracterizada na aprendizagem do 1º ciclo é substituída por uma educação por meio de uma vida de sentidos, emoções, vivência e estética.

O 3º setênio, que vai dos quatorze aos vinte e um anos, caracteriza-se pela libertação do eu do indivíduo do seu corpo astral, tornando, assim, o eu autônomo. Neste ciclo há o pleno desenvolvimento das faculdades mentais e morais, o indivíduo torna-se capaz de emitir julgamentos objetivos e de agir segundo critérios éticos absolutos. Aqui a educação é plenamente cognitiva.

Há, portanto, durante o desenvolvimento do ser humano quatro grandes nascimentos: o do corpo físico, ao nascer; o do corpo etérico aos sete anos, com a explosão dos dentes permanentes (escolaridade); o do corpo astral, aos quatorze anos (puberdade); e o do eu aos vinte e um anos (maturidade). Dentro destes ciclos há subdivisões menos visíveis em que também ocorrem importantes mudanças, as quais não serão aqui aprofundadas.

Esta filosofia sustenta a Pedagogia Waldorf, a qual tem como cerne a relação professor – aluno, afinal, são os professores que representam a filosofia. Para isso, eles devem ser profundos conhecedores do desenvolvimento humano e usar o amor como base desta relação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A alfabetização é uma habilidade fundamental que libera a aprendizagem e fornece aos indivíduos os meios para buscar conhecimento e prazer de forma independente. As habilidades de alfabetização precisam crescer e amadurecer ao longo da vida de todas as pessoas, fornecendo a cada indivíduo as habilidades de leitura, escrita e pensamento necessárias para o sucesso em situações acadêmicas, de força de trabalho e pessoais. Infelizmente para muitas pessoas, as habilidades de alfabetização nunca se desenvolvem das formas necessárias. As habilidades de alfabetização insuficientes excluem muitas crianças, adolescentes e adultos de perseguirem seus objetivos acadêmicos, de carreira e de vida.

Muitas vezes desprovidas de estímulo e contato com a língua escrita, perante as exigências sociais, estas crianças necessitam da escola para suprir esta necessidade, de forma a proporcionar-lhes desenvolvimento e cidadania.

As reflexões empreendidas acerca da alfabetização revelam o caráter multifacetado do processo de aquisição da leitura e da escrita, de modo que, além das habilidades específicas desenvolvidas em torno do ato de ler e escrever é necessária a compreensão dos usos sociais da escrita aos quais a alfabetização deve responder, uma vez que o domínio da tecnologia da leitura e da escrita não garante por si só o desenvolvimento de habilidades necessárias para que o sujeito obtenha êxito diante das exigências de uma sociedade letrada.

O conceito de alfabetização vem sendo gradativamente ressignificado, não se reduzindo ape-

nas a métodos e técnicas tradicionais relacionadas ao domínio do código, mas, indica a compreensão do processo de alfabetização como um fenômeno que abrange inúmeras facetas e perspectivas de análise em torno de sua natureza e especificidade, havendo a necessidade de considerá-las a fim de desenvolver a prática pedagógica alfabetizadora de forma competente.

Conclui-se que alfabetizar e letrar muitas vezes se confundem e se mesclam, havendo a necessidade de compreensão dos conceitos de alfabetização e de letramento, dada a especificidade de cada termo, a fim de que possamos realçar a importância de que ambos são processos distintos, porém indissociáveis.

REFERÊNCIAS

BARBOSA: José Juvêncio. **Alfabetização e Leitura**. São Paulo: Cortez, 2003.

BRASIL, Ministério da Educação. **Ensino Fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade**. Brasília, DF: MEC, 2007.

FERREIRO, Emilia; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da Língua Escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

FREINET, Celestin. **Para uma Escola do Povo**. Tradução: Eduardo Brandão.- São Paulo: Martins Fontes, 1996b, p.1 – 127

PIAGET, Jean. **O nascimento da inteligência na criança**. 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. 2. Ed.- Belo Horizonte: Autêntica: Ceale, 1999.

VAL, M. G. C. **O que é ser alfabetizado e letrado?** In: CARVALHO, Maria Angélica F. de; MENDONÇA, Rosa Helena (orgs.). **Práticas de leitura e escrita**. Brasília: Ministério da Educação, 2006.

VYGOTSKY, L.S. A formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

WEISZ, T. O diálogo entre o ensino e aprendizagem. São Paulo: Editora Ática, 2000.